

O capítulo excluído

Quando Jane Austen, em julho de 1816, acabou de escrever Persuasão, o romance tinha um final diferente. O último capítulo, porém, não satisfiz à autora e foi mais tarde substituído por outros dois, os capítulos 23 e 24 da presente tradução.

Oferecemos aqui esta primeira variante do romance, inédita para o público brasileiro.

De posse de todo esse conhecimento sobre o sr. Elliot e de toda a autoridade para passá-lo adiante, Anne deixou Westgate Buildings, com a mente profundamente absorta em revolver o que ouvira, sentindo, pensando, lembrando e prevendo tudo, chocada com o sr. Elliot, soluçando pelo futuro de Kellynch e aflita com *Lady Russell*, cuja confiança nele fora total. Como se sentiria constrangida dali em diante na presença dele! Como comportar-se com ele? Como se livrar dele? Que fazer com todos os outros em casa? Quando se fingir cega? Quando agir? Era tudo uma confusão de imagens e dúvidas — uma perplexidade, uma agitação cujo fim ela não conseguia enxergar. E estava na Gay Street e tão absorta que se assustou ao ser abordada pelo almirante Croft, como se encontrá-lo ali fosse algo improvável. Estavam a alguns passos da porta da casa dele.

— A senhorita vai entrar para ver a minha mulher — disse ele. — Ela ficará muito contente em vê-la.

Anne recusou o convite.

Não! Estava sem tempo, estava indo para casa. Mas, enquanto falava, o almirante recuou alguns passos e bateu à porta, chamando em voz alta:

— Sim, sim; entre; ela está sozinha; entre e descanse um pouco.

Anne sentia-se tão pouco disposta naquele momento a estar em qualquer tipo de companhia, que se irritou em ver-se assim forçada, mas foi obrigada a parar.

— Já que o senhor é tão gentil — disse ela —, vou só cumprimentar a sra. Croft, mas não posso mesmo ficar nem cinco minutos. Tem certeza de que ela está sozinha?

Ocorrera-lhe a possibilidade de que o capitão Wentworth estivesse lá; e estava tremendamente ansiosa por saber a resposta — se ele estava ou não —, pois isso seria, sim, um problema.

— Está, sim, completamente sozinha, com ninguém a não ser a costureira, e elas já estão juntas há meia hora; então, logo deve estar tudo terminado.

— A costureira! Então tenho certeza de que a minha visita será muito inconveniente. O senhor deve, então, permitir-me deixar o meu cartão de visita e ter a bondade de explicar depois à sra. Croft o que aconteceu.

— Não, não, de jeito nenhum; de jeito nenhum; ela vai ficar muito feliz em ver a senhorita. Veja bem, não vou jurar que ela não tenha algo especial para lhe dizer, mas *isso* ficará evidente no momento certo. Não estou insinuando nada. Porque, srta. Elliot, estamos começando a ouvir coisas estranhas a seu respeito — sorrindo para ela. — Mas a senhorita não parece demonstrar nada, com esse ar sério de uma juizinha!

Anne corou.

— Ei, ei, vamos parar por aqui, está tudo bem. Achei que não estávamos enganados.

Só lhe restava adivinhar a que se referiam tais suspeitas; a primeira ideia, meio absurda, foi de alguma revelação

do cunhado, mas logo em seguida se envergonhou de tal ideia, e percebeu que era muito mais provável que ele estivesse referindo-se ao sr. Elliot. Abriu-se a porta, e o criado estava pronto para negar que a patroa estava em casa, quando a vista do patrão o deteve. O almirante adorou a brincadeira. Anne achou que o seu triunfo sobre Stephen se prolongou um pouco além da conta. Mas, enfim, ele pôde convidá-la a subir as escadas e, indo à sua frente, disse: “Vou subir com você só para acompanhá-la. Não posso ficar, pois tenho de ir ao correio, mas, se você tiver a gentileza de sentar-se aqui por cinco minutos, tenho certeza de que Sophy virá vê-la e vocês não terão ninguém para incomodá-las — não há ninguém em casa, a não ser o Frederick”, abrindo a porta enquanto falava. Fazer tal pessoa passar por ninguém *para ela!* Depois de a deixar segura, indiferente, à vontade, foi um choque saber que em um instante estaria na mesma sala que ele! Sem nenhum tempo para se recompor, para planejar o que fazer ou como se comportar! Só teve tempo para empalidecer ao atravessar a porta e cruzar o olhar atônito do capitão Wentworth, sentado junto à lareira, fingindo ler e despreparado para qualquer surpresa maior do que o rápido retorno do almirante.

O encontro foi igualmente inesperado para ambos. Nada havia que fazer, porém, a não ser abafar os sentimentos e ser silenciosamente gentil, e o almirante estava alerta demais para permitir qualquer pausa inconveniente. Repetiu mais uma vez o que dissera antes acerca da mulher e de todos, insistiu em que Anne se sentasse e ficasse à vontade... lamentava ter de sair, mas tinha certeza de que a sra. Croft logo desceria e ele mesmo subiria as escadas para lhe comunicar a visita imediatamente.

Anne *estava* sentada, mas então se levantou, pedindo-lhe mais uma vez que não interrompesse a sra. Croft, e tornou a expressar o desejo de ir embora e voltar uma outra hora. O almirante, porém, não lhe daria ouvidos; e, se ela não voltou à carga com indomável perseverança ou não saiu calmamente da sala com uma determinação mais passiva (como certamente poderia ter feito), não podemos perdoá-la? Se ela não *tinha* horror de um *tête-à-tête* de alguns minutos com o capitão Wentworth, não podemos perdoá-la por não querer passar tal ideia a ele? Anne tornou a se sentar e o almirante se despediu, mas ao chegar à porta disse:

— Frederick, quero trocar duas palavras com você, por gentileza.

O capitão Wentworth foi até ele e imediatamente, antes que ambos estivessem fora da sala, o almirante prosseguiu:

— Como vou deixá-los sozinhos, é justo que eu lhe dê algum assunto de que possa falar; e assim, com licença...

Neste momento, a porta foi fechada com firmeza — ela logo entendeu por qual dos dois — e o que se seguiu de imediato escapou completamente a ela, mas foi-lhe impossível não distinguir partes do resto, pois o almirante, pelo fato de a porta estar fechada, falava despreocupadamente em voz bem alta, embora ela pudesse ouvir seu companheiro, que tentava moderá-lo. Ela não teve dúvida de que falavam sobre ela. Ouviu seu próprio nome e o de Kellynch repetidas vezes. Estava perturbadíssima. Não sabia o que fazer ou o que esperar e, entre outras aflições, sentiu a possibilidade de que o capitão Wentworth não voltasse à sala, o que, depois que

ela concordou em ficar, teria sido... não havia palavras para descrevê-lo. Pareciam estar falando do aluguel de Kellynch por parte do almirante. Ela o ouviu dizer alguma coisa sobre o contrato de aluguel ter sido assinado — ou não —, *o que* provavelmente não era um assunto muito emocionante, mas então ouviu o seguinte:

— Detesto esta incerteza. Preciso saber agora mesmo. Sophy concorda comigo.

E então, num tom de voz mais baixo, o capitão Wentworth pareceu protestar, pedir desculpas ou que alguma coisa fosse adiada.

— Ora, ora — replicou o almirante —, tem de ser agora; se você não falar, fico aqui e falo eu mesmo.

— Muito bem, *Sir*, muito bem, *Sir* — e o seu interlocutor abriu a porta com certa impaciência, enquanto ele dizia:

— Você me promete, então? — com toda a potência natural da sua voz, que uma frágil porta não podia abafar.

— Prometo, *Sir*.

E o almirante foi apressadamente abandonado, a porta foi fechada e chegou o momento em que Anne se viu a sós com o capitão Wentworth.

Ela não conseguiu sequer tentar ver qual era o aspecto dele, mas ele caminhou direto para uma janela, como se estivesse indeciso e constrangido, e durante cerca de cinco segundos ela se arrependeu do que havia feito... censurou a sua própria imprudência, corou de sua própria indelicadeza. Estava louca para poder falar do tempo ou do concerto, mas pôde apenas obter o alívio de pegar um jornal. O afilivo silêncio tinha acabado, porém; meio minuto depois, ele se voltou e, aproximando-se da mesa junto à qual ela estava sentada, disse com uma voz que traía o esforço e o constrangimento:

— Você deve ter ouvido demais para ter qualquer dúvida sobre a promessa que fiz ao almirante Croft de falar com você sobre determinado assunto, e tal convicção me impele a tomar esta liberdade, por mais repugnante que isto seja para a minha... para o meu senso de decoro! Espero que você me perdoe a impertinência, ao considerar que estou falando só em nome de outro, e por necessidade; e o almirante é um homem que não pode jamais ser considerado impertinente por alguém que o conhece tão bem como você. As intenções dele são sempre as melhores e mais gentis, e você verá que só elas o levam a fazer-lhe o pedido que eu agora, com... com sentimentos muito particulares... sou obrigado a lhe fazer — ele estacou, mas só para recuperar o fôlego, não esperando nenhuma resposta.

Anne ouvia como se sua vida dependesse do que ele ia dizer-lhe. Ele prosseguiu com alegria forçada:

— O almirante foi confidencialmente informado esta manhã de que você... palavra de honra, não sei o que fazer, estou envergonhado... — respirando e falando rapidamente — o embaraço de *dar* este tipo de informação a uma das partes... não há de ser difícil entender-me. O almirante foi muito confidencialmente informado de que o sr. Elliot... de que tudo estava acertado na família a respeito de uma aliança entre o sr. Elliot e você. Acrescentaram que você viveria em Kellynch... que teriam de abrir mão de Kellynch. Isso, segundo o almirante, não é correto. Mas ocorreu a ele que talvez esse fosse o *desejo* das partes. E o encargo que dele recebi é o de dizer que, se tal é o desejo da família, o aluguel de Kellynch será anulado, e ele e a minha irmã vão alugar outra casa, sem imaginarem estar com isso fazendo algo que sob

circunstâncias semelhantes não *lhes* seria feito. Isto é tudo. Umas poucas palavras de sua parte já serão suficientes. É incrível que *eu* tenha sido encarregado deste assunto! E, pode acreditar, não menos doloroso. Umas poucas palavras, porém, colocarão um ponto-final no constrangimento que talvez *ambos* estejamos sentindo.

Anne balbuciou uma ou duas palavras, mas de modo ininteligível; e, antes de conseguir recompor-se, ele acrescentou:

— Se você me disser que o almirante pode mandar um bilhete a *Sir Walter*, já será o bastante. Diga apenas as palavras *ele pode*, e vou imediatamente passar a ele a sua mensagem.

— Não — disse Anne —; não há nenhuma mensagem. Você está mal... o almirante foi mal informado. Reconheço a delicadeza de suas intenções, mas ele está completamente enganado. Não há nenhuma verdade nesse boato.

Ele permaneceu por um momento calado. Ela voltou os olhos para ele pela primeira vez desde que ele tornara a entrar na sala. Sua cor variava e estava olhando para ela com toda a energia e toda a intensidade que, segundo ela, nenhum outro olhar possuía.

— Nenhuma verdade no boato? — repetiu ele. — Nenhuma verdade, em nenhuma *parte* dele?

— Nenhuma.

Ele permanecera em pé junto a uma cadeira, apreciando o conforto de nela se apoiar ou de brincar com ela. Nesse momento se sentou, arrastou a cadeira para mais perto de Anne e olhou para ela com uma expressão algo mais do que penetrante: doce. A expressão no rosto dela não o desencorajou. Foi um

diálogo silencioso, mas de muita força; nele, súplica; nela, aceitação. Um pouco mais perto e uma mão foi segura e apertada; e “Anne, minha querida Anne!” irrompeu em toda a plenitude daquele sentimento profundo... e toda a incerteza e toda a indecisão chegaram ao fim. Estavam juntos novamente. Haviam recuperado tudo que fora perdido. Foram arrastados de volta para o passado, só que com um amor e uma confiança ainda maiores e com tal excitação do prazer presente, que os tornava despreparados para a interrupção da sra. Croft, quando ela foi ter com eles logo em seguida. *Ela*, provavelmente, nas observações dos dez minutos seguintes, viu algo suspeito; e, embora fosse quase impossível para uma mulher da sua categoria querer que a costureira a aprisionasse por mais tempo, muito provavelmente ela ansiava por alguma desculpa para ir a algum outro lugar da casa, por alguma tempestade que partisse as janelas do andar de cima ou por um chamado do sapateiro do almirante no andar de baixo. A Fortuna favoreceu a todos eles, porém, de outra maneira, com uma chuva fina e persistente, que felizmente começou a cair quando o almirante voltou e Anne se levantou para partir. Ela foi instada a ficar para o jantar. Mandaram uma mensagem a Camden Place, e ela permaneceu... permaneceu até as dez da noite; e durante todo esse tempo, o marido e a mulher, quer pelas manobras da mulher, quer por se comportarem da maneira habitual, saíam frequentemente juntos da sala... subiam as escadas por causa de um ruído ou desciam para pagar uma conta, ou iam ao patamar da escada para regular a lâmpada. E esses preciosos momentos foram tão bem aproveitados, que todos os mais ansiosos sentimentos do passado

desapareceram. Antes de se separarem à noite, Anne teve a felicidade de ouvir que, antes de mais nada, muito longe de ter mudado para pior, o seu encanto pessoal havia inexprimivelmente aumentado; e que, quanto à personalidade, a dela estava marcada na mente dele como a *perfeição* em si, conservando o justo equilíbrio entre a firmeza e a delicadeza... que ele nunca deixara de amá-la e de preferi-la a todas as outras, ainda que só em Uppercross tivesse aprendido a lhe fazer justiça e só em Lyme tivesse começado a compreender seus próprios sentimentos; que em Lyme recebera lições de mais de um tipo — o olhar de admiração do sr. Elliot o havia pelo menos *despertado*, e as cenas do Cobb e na casa do capitão Harville estabeleceram definitivamente a superioridade dela. Em suas tentativas anteriores de se afeiçoar a Louisa Musgrove (tentativas provocadas pela raiva e pelo ressentimento), afirmou que sempre sentira a impossibilidade de amar realmente Louisa, embora até *aquele* dia, até ter tempo livre para refletir, não tivesse compreendido a perfeita excelência da alma com a qual a de Louisa não podia comparar-se; ou o perfeito, o incontestável império que essa alma exercia sobre a dele. Ali ele aprendera a distinguir entre a firmeza de princípios e a teimosia do capricho, entre as audácias da irreflexão e a resolução de um espírito equilibrado; ali vira tudo o que exaltava em seu afeto a mulher que perdera, e ali começara a deplorar o orgulho, a insensatez, a loucura da mágoa, que o impedira de tentar reconquistá-la quando ela tornou a aparecer em seu caminho. A partir daí, até o presente, o seu arrependimento se agravara. Assim que se livrou do horror e dos remorsos que marcaram os primeiros dias do acidente de Louisa, assim que

começou a se sentir vivo novamente, começou a se sentir também, embora vivo, um homem sem liberdade.

Descobriu que seu amigo Harville achava que estava noivo. Os Harville não tinham a menor dúvida sobre a existência de uma afeição recíproca entre ele e Louisa; e, embora até certo ponto aquilo pudesse ser desmentido de imediato, fez que percebesse que talvez a mesma ideia tivesse ocorrido à família *dela*, a todos, até mesmo a *ela*, e que não estava livre quanto à *honra*, ainda que, se tal devesse ser a conclusão, estivesse livre até demais, infelizmente, no coração. Jamais refletira seriamente sobre esse assunto antes, e não percebera que a sua intimidade excessiva em Uppercross devia comportar o perigo de consequências ruins, de diversas maneiras; e que, enquanto tentava conquistar uma ou outra mocinha, poderia estar provocando boatos desagradáveis, além de afetos não correspondidos.

Descobriu tarde demais que se metera em apuros; e que, justamente quando se convencera de não estar absolutamente *apaixonado* por Louisa, tinha de se considerar preso a ela, se os sentimentos dela por ele fossem o que os Harville imaginavam. Isso o levou a partir de Lyme e aguardar a completa recuperação de Louisa em outro lugar. Com prazer atenuaria, por qualquer meio, desde que *correto*, todos os sentimentos ou especulações acerca dele que pudessem existir; e assim partiu para Shropshire, com a intenção de voltar em breve à casa dos Croft, em Kellynch, e de agir como a situação o exigisse.

Permanecera em Shropshire, a lamentar a cegueira de seu próprio orgulho e os equívocos de seus próprios cálculos, até se ver livre de Louisa pela surpreendente felicidade de seu noivado com Benwick.

Bath... Bath se seguira imediatamente no *pensamento*, e não muito depois *de fato*. E a Bath... chegou com esperança, sentiui ciúme ao ver pela primeira vez o sr. Elliot; experimentou todos os matizes dos dois, esperança e ciúme, durante o concerto; sofreu como um miserável ante o boato circunstancial da manhã; era agora mais feliz do que as palavras podem exprimir ou do que qualquer coração seria capaz, exceto o seu próprio.

Foi com muito entusiasmo e com muito prazer que ele descreveu o que sentira durante o concerto; a noite parecia ter sido composta de momentos intensos. O momento em que ela se aproximou dele para lhe falar, na sala octogonal, o momento em que o sr. Elliot apareceu e a levou dali, e um ou dois momentos posteriores, assinalados pelo reavivar-se das esperanças ou pela prostração crescente, de tudo isso falaram com entusiasmo e minúcia.

— Ver você — exclamou ele — em meio àqueles que só podiam estar contra mim; ver seu primo junto de você, conversando e sorrindo, e sentir todas as horrorosas vantagens e conveniências de tal aliança! Considerar que aquilo certamente correspondia aos desejos de todos os que podiam ter esperança de influenciar você! Mesmo se os seus sentimentos fossem relutantes ou indiferentes, imaginar como aqueles apoios seriam importantes! Não seria isso o suficiente para que me comportasse como o tolo que eu parecia ser? Como podia continuar vendo aquilo sem me agoniar? Ver a sua amiga, que se sentava atrás de você, recordar o que havia acontecido, conhecer a influência dela, a indelével, imutável impressão do que a persuasão fizera uma vez... não estava tudo isso contra mim?

— Você deveria ter feito algumas distinções — replicou Anne. — Não devia ter suspeitado de mim agora; o caso é tão diferente, a minha idade é tão diferente. Se naquele tempo eu havia errado ao ceder à persuasão, lembre-se de que era uma persuasão exercida em nome da segurança, não do risco. Quando cedi, achava que cedia ao dever, mas nenhum dever podia ser invocado nesse caso. Ao casar-me com um homem indiferente a mim, correria todos os riscos e violaria todos os deveres.

— Talvez eu devesse ter raciocinado assim — respondeu ele —, mas não conseguia. Não conseguia valer-me do conhecimento tardio que tinha adquirido de seu caráter. Não conseguia servir-me dele; estava esmagado, enterrado, perdido em meio àqueles velhos sentimentos que me vinham atormentando havia anos. Só conseguia pensar em você como alguém que havia cedido, que me havia dispensado, que se deixara influenciar por todos, menos por mim. Via você com a mesma pessoa que a orientara naquele ano trágico. Não tinha razões para acreditar que ela tivesse menos autoridade agora. A isso se somava ainda a força do hábito.

— Eu devia ter visto — disse Anne — que o meu comportamento com você poderia ter-lhe poupado muitas dessas coisas, senão todas.

— Não, não! O seu comportamento podia ser só a desenvoltura que o noivado com outro homem produziria. Separei-me de você com essa convicção; e no entanto estava decidido a tornar a ver você. A manhã seguinte deu-me novo ânimo, e percebi que ainda tinha um motivo para permanecer aqui. A notícia transmitida pelo almirante, de fato, foi uma reviravolta; a partir

daquele momento fiquei dividido quanto ao que fazer, e, se tal notícia tivesse sido confirmada, este teria sido o meu último dia em Bath.

Havia tempo para que tudo isso passasse, com interrupções que só acentua-vam o encanto da comunicação, e dificilmente poderia haver em Bath outros dois seres ao mesmo tempo tão racional e tão jubilosamente felizes como os que naquela noite ocuparam o sofá da sala de estar da sra. Croft, na Gay Street.

O capitão Wentworth se apressara em ir ter com o almirante assim que ele voltou, para falar-lhe sobre o sr. Elliot e Kellynch; e a delicadeza do temperamento do almirante o impediu de tornar a falar com Anne sobre o assunto. Estava muito preocupado em poder ter-lhe causado algum sofrimento, tocando em algum ponto fraco... Quem sabe? Ela podia gostar mais do primo do que ele dela; e, pensando bem, se fossem mesmo se casar, por que teriam esperado tanto tempo? Ao encerrar-se o sarau, é provável que sua esposa tenha sugerido algumas novas ideias ao almirante, pelas maneiras particularmente simpáticas com que ela se despediu de Anne, o que deu a esta a grata certeza de que ela compreendera e aprovara tudo. Aquele fora um dia e tanto para Anne; as horas que se passaram desde que deixara Camden Place foram tão plenas! Estava quase tonta... Quase feliz demais ao pensar no que acontecera. Precisou passar de pé a metade da noite e a outra, deitada mas acordada, para compreender com calma a sua atual condição e pagar aquele excesso de felicidade com muita dor de cabeça e cansaço.

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2010.

DIREÇÃO
Martin Claret

PRODUÇÃO EDITORIAL
Carolina Marani Lima
Mayara Zucheli

DIREÇÃO DE ARTE E CAPA
José Duarte T. de Castro

DIAGRAMAÇÃO
Giovana Quadrotti

REVISÃO
Waldir Moraes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
??????

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Austen, Jane, 1775-1817.
Persuasão / Jane Austen; tradução Roberto Leal Ferreira. — 1.
ed. — São Paulo: Martin Claret, 2020.

Título original: Persuasion.

ISBN 978-65-86014-91-4

1. Ficção inglesa I. Título

20-45321

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – CEP: 01254-010 – São Paulo, SP
Tel.: (11) 3672-8144 – www.martinclaret.com.br

Impresso – 2020

CONTINUE COM A GENTE!



Editora Martin Claret



[editoramartinclaret](https://www.instagram.com/editoramartinclaret)



[@EdMartinClaret](https://twitter.com/EdMartinClaret)



www.martinclaret.com.br